



DOI: 10.22476/revcted.v8.id562

ISSN: 2447-4223

TECENDO UMA EPISTEMOLOGIA DA FORMAÇÃO NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: A EMERGÊNCIA DE UMA PEDAGOGIA NARRATIVA

Joelson de Sousa Morais¹

 <https://orcid.org/0000-0003-1893-1316>

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Codó, Maranhão, Brasil

Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento²

 <https://orcid.org/0000-0001-6956-4670>

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC),
Departamento de Educação, Caxias, Maranhão, Brasil

Dilmar Rodrigues da Silva Júnior³

 <https://orcid.org/0000-0002-2301-3096>

Prefeitura Municipal de Codó, Secretaria de Educação, Codó, Maranhão, Brasil

Submetido em: 16/12/2021	Aceito em: 29/12/2022	Publicado em: 30/12/2022
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na linha de pesquisa Formação de Professores, Currículo, Trabalho Docente e Avaliação (Bolsista CAPES). É pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP), do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia (UNICAMP/UERJ), e do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/CPNQ). É Professor Adjunto I da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó-MA. E-mail: joelsonmorais@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade – CNPq/UEMA. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Caxias - CESC. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Mestrado Profissional em Educação da UEMA e do Mestrado e Doutorado Profissional em História (UEMA). Trabalha ainda como Coordenadora Pedagógica e Formadora na Secretaria Municipal de Educação, Ciências e Tecnologia de Caxias (MA) – SEMECT. E-mail: franclanecarvalhon@gmail.com.

³ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGed/ da Universidade Federal do Piauí- UFPI, na Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas da Docência. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação e Profissionalidade Docente- NUPPED (UFPI) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativas- NUPEFORDEPE (UFPI). Atualmente é Supervisor Pedagógico efetivo na Prefeitura Municipal de Codó e Professor efetivo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal de Caxias/MA. E-mail: dilmar_jrcxs93@outlook.com.



Resumo

Tecemos nesse texto uma reflexão teórica-bibliográfica articulada com nossas experiências na docência do Ensino Superior, como professores formadores em cursos de licenciaturas em instituições públicas e privadas na Cidade de Caxias-MA. Os objetivos buscam: compreender como se tece uma epistemologia da formação por meio da escrita narrativa nos cursos de licenciaturas, bem como refletir acerca das contribuições que as narrativas de formação inicial docente trazem no processo de aprender e ensinar no Ensino Superior. Problematicamos: Quais contribuições a escrita narrativa traz para a tessitura de uma epistemologia da formação na docência universitária? Como perspectiva *teóricoepistemológica* nos pautamos em autores da abordagem narrativa (auto)biográfica como: Dominicé (2012), Josso (2010), Bragança (2012; 2018), Passeggi (2011), Zabalza (2004), e outros. Os resultados elucidam que as escritas narrativas ou que emergem em outros dispositivos representam uma potencialidade formadora de transformações plausíveis para os sujeitos que a praticam, e para quem a lê e reflete junto com o registro narrado. Portanto, a tessitura de uma pedagogia narrativa na docência universitária se torna fundamental à emancipação das consciências na sociedade que temos e que queremos construída democraticamente por quem acredita na possibilidade de mudanças pelas escritas de si na formação para a docência.

Palavras-chave: Formação de professores. Docência universitária. Narrativas (auto)biográficas.

WEAVING AN EPISTEMOLOGY OF TRAINING IN UNIVERSITY TEACHING: THE EMERGENCE OF A NARRATIVE PEDAGOGY

Abstract

In this text, we weave a theoretical-bibliographic reflection articulated with our experiences in teaching Higher Education, as trainers in undergraduate courses in public institutions and institutions in the city of Caxias-MA. The objectives seek: to understand how an epistemology of formation is woven through narrative writing in undergraduate courses, as well as to reflect on the contributions that narratives of initial teacher education bring to the process of learning and using in Higher Education. We question: What contributions do narrative writing bring to the weaving of an epistemology of training in university teaching? As a theoretical-epistemological perspective, we base ourselves on authors of the (auto)biographical narrative approach such as: Dominicé (2012), Josso (2010), Bragança (2012; 2018), Passeggi (2011), Zabalza (2004), and others. The results elucidate that narrative writings or writings that emerge in other devices represent a potential for forming plausible transformations for the subjects who practice it, and for those who read and ponder it along with the narrated record. Therefore, the weaving of a narrative pedagogy in university teaching becomes fundamental for the emancipation of consciences in the society we have and which is democratically constructed by those who believe in the possibility of changes through their own writings in training for teaching.

Keywords: Teacher training. University teaching. (Auto)biographical narratives.



TEJIENDO UNA EPISTEMOLOGÍA DE LA FORMACIÓN EN LA DOCENCIA UNIVERSITARIA: EL SURGIMIENTO DE UNA PEDAGOGÍA NARRATIVA

Resumen

Tecemos nesse texto uma reflexão teórica-bibliográfica articulada com nossas experiências na docência do Ensino Superior, como professores formadores em cursos de licenciaturas em instituições públicas e instituições na Cidade de Caxias-MA. Os objetivos buscam: compreender como se tece uma epistemologia da formação por meio da escrita narrativa nos cursos de licenciaturas, bem como refletir sobre as contribuições que as narrativas de formação inicial docente trazem no processo de aprender e usar no Ensino Superior. Problematicamos: Quais contribuições a escrita narrativa trazem para a tessitura de uma epistemologia da formação na docência universitária? Como perspectiva teóricoepistemológica nos pautamos em autores da abordagem narrativa (auto) biográfica como: Dominicé (2012), Josso (2010), Bragança (2012; 2018), Passeggi (2011), Zabalza (2004), e outros. Os resultados elucidam que as escritas narrativas ou que emergem em outros dispositivos representam uma potencialidade formadora de transformações plausíveis para os sujeitos que a praticam, e para quem a lê e pondera junto com o registro narrado. Portanto, a tessitura de uma pedagogia narrativa na docência universitária se torna fundamental para a emancipação das consciências na sociedade que temos e que construída democraticamente por quem acredita na possibilidade de mudanças pelas escritas de si na formação para uma docência.

Palabras clave: Formación de profesores. Docencia universitaria. Narrativas (auto) biográficas.

1. Provocações Iniciais

O presente artigo surge de nossas experiências na docência do Ensino Superior, articuladas com os estudos que realizamos e as inquietações emanadas no contexto do *Grupo de Pesquisas Interdisciplinas: Educação, Saúde e Sociedade* (UEMA/CNPq)⁴ do qual fazemos parte como pesquisadores.

As reflexões que aqui trazemos se relacionam com diferentes experiências que tivemos e temos como professores formadores em cursos de licenciaturas em instituições públicas e privadas, sobretudo, no curso de Pedagogia, na Cidade de Caxias-MA, nas quais focalizamos as narrativas escritas elaboradas em diários pelos estudantes dos cursos que trabalhamos, e que damos primazia para esse dispositivo como mediador dos processos formativos, de aprendizagem e de avaliação nas disciplinas em que ministramos.

⁴ Grupo este sediado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) no Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC) e coordenado pela Profa. Dra. Franc-Lane Nascimento, segundo autora desse artigo.



Não queremos restringir a um contexto específico, mas sim, trazer reflexões com base em experiências que nos situam nas potencialidades das narrativas escritas na docência universitária como uma possibilidade de construção de outros modos de aprender e ensinar que podem emergir na construção desse dispositivo, trazendo contribuições para os formadores de professores e para os estudantes em formação, acreditando, inclusive, que por meio das narrativas escritas, poderão mediar futuramente como professores nos registros cotidiano de suas experiências por meio de reflexões e memórias que poderão evocar, e acompanha-los em seu desenvolvimento profissional.

Nesse sentido, o artigo se inscreve como um relato de experiências pautado em nossas reflexões que fomos tecendo acerca do que empreendemos e desenvolvemos nos cursos de licenciaturas como professores formadores de professores, articulados a discussões *teóricoepistemológicas*⁵ que se situam no contexto de uma pedagogia narrativa, aludindo a estudos que privilegiam essa perspectiva no campo da formação de professores.

O que nos une nesse diálogo polifônico feito a seis mãos e no concernente ao que tematizamos neste artigo, correlaciona-se pelo fato de que somos pedagogos de formação, atuamos como professores em cursos de licenciaturas na docência do Ensino Superior, e nos situamos como pesquisadores em que trazemos em nossos percursos, entre outros temas, a centralidade da formação, da aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência, e das narrativas (auto)biográficas em nossos estudos e pesquisas, entre outros interesses que nos aliam. Este artigo também foi produzido como parte das discussões realizadas pelos autores/pesquisadores junto ao *Ciclo de Estudos: Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica em tempos de coronavírus*, idealizado no contexto do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação Polifonia*⁶ (UNICAMP/UERJ) que faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC)⁷, e vinculado também ao Grupo de Pesquisa Vozes da Educação⁸ (FFP/UERJ).

⁵ Estética da escrita que adotamos neste texto aos princípios dos estudiosos nos/dos/com os cotidianos como faz Oliveira (2012) com o sentido de dar outros tantos significados às palavras, rompendo, assim, com um modelo hegemônico e cartesiano de produzir conhecimento científico. Primamos por esta forma de escrita neste artigo, em que esta e outras palavras aparecerão com este sentido, juntas e em itálico.

⁶ Coordenado pela Profa. Dra. Inês Bragança (UNICAMP/UERJ).

⁷ Coordenado pelo Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, situado na Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

⁸ Coordenado pela Profa. Dra. Mairce da Silva Araújo, sediado na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).



Para tanto, a questão problematizadora que nos embasa nesse texto é saber: Quais contribuições a escrita narrativa traz para a tessitura de uma epistemologia da formação na docência universitária? Desta forma, tomamos a epistemologia como um conceito que implica conhecer o conhecimento, ou seja, realizar uma compreensão e interpretação das experiências de três professores formadores na e para formação docente realizadas em contextos diferentes em Caxias-MA.

Para ajudar no processo de responder à questão norteadora da discussão, tecemos os seguintes objetivos deste artigo, através dos quais buscamos: compreender como se tece uma epistemologia da formação por meio da escrita narrativa nos cursos de licenciaturas, bem como refletir acerca das contribuições que as narrativas de formação inicial docente trazem no processo de aprender e ensinar no Ensino Superior. Assim evidenciamos a epistemologia da formação como necessária na profissão docente, através da qual deve ser revisitada frequentemente pelos profissionais que são responsáveis pela formação de professores.

Ao pensar por esse prisma, evidenciamos uma concepção de formação com a qual embasamos esse texto, pautados pela abordagem da pesquisa narrativa (auto)biográfica com a qual defendemos e acreditamos, ou seja, compreendemos a “[...] formação como um movimento constante e contínuo de construção e reconstrução da aprendizagem pessoal e profissional, envolvendo saberes, experiências e práticas” (SOUZA, 2010, p. 158).

Como perspectiva *teóricoepistemológica* nos fundamentamos em autores do campo da abordagem narrativa (auto)biográfica pelos postulados de: Josso (2010), Dominicé (2012), Bragança (2012, 2018), Passeggi (2011), Zabalza (2004), Morin (2013), Santos (2010), entre outros.

Embora algumas vezes nesse texto tomamos as discussões de forma plural em relação a que defendemos como uma tessitura epistemológica do saber e do conhecimento científico dando primazia para as narrativas escritas construídas pelos estudantes dos cursos de licenciaturas os quais atuamos, refletimos com particular interesse os nossos escritos para o curso de Pedagogia, em que temos exercido a docência na maior parte de nossas experiências profissionais nas universidades. Por vezes também, aludimos ao cotidiano escolar, trazendo reflexões que possam ser ampliadas por professores atuantes nesse contexto como sujeitos produtores de conhecimento científico, mediado pela construção narrativa de suas experiências de caráter (auto)biográfico.



2. A tessitura de uma epistemologia formadora mediada pela escrita narrativa na docência universitária

Ao discutirmos a concepção de uma epistemologia da formação, com a qual concebemos a formação de professores a que estamos engajados, comprometidos e responsáveis como professores e pesquisadores, entendemos que não podemos ficar presos a determinismos e modos hegemônicos de produção do saber e do conhecimento científico na sociedade, sem olharmos a outras tantas formas que temos de conhecer, aprender e ensinar em partilha com outros tantos sujeitos, contextos e culturas que vamos nos entrelaçando e ampliando nossos horizontes de possibilidades.

A carreira de professores na docência universitária, tem nos lançado a reflexões desafiadoras, amplas e ao mesmo tempo complexas de questionarmos, entre outras tantas problematização, a: qual o perfil de homem, mundo e professor que queremos formar? E para qual tempo, situação, cultura e sociedade formamos esse professor? Que desafios poderiam enfrentar os professores que formamos diante de suas experiências no cotidiano profissional?

Enfim, essas e outras tantas, são algumas indagações que perpassam nossas reflexões cotidianas como professores, pesquisadores e intelectuais comprometidos e responsáveis com uma formação que possa mobilizar saberes e práticas articuladas com as demandas e mudanças operantes no meio em que vivemos, mas ao mesmo tempo, que possa situar processos reflexivos no sentido de impulsionar os próprios sujeitos, em modos outros de se perceberem e compreenderem o potencial transformador que poderá gerar, por exemplo, por meio das narrativas escritas de formação.

Assim, “[...] quando ele (o sujeito) é convidado, como na abordagem da biografia educativa, a fazer uma narrativa, a reflexão que ele propõe enquanto sua formação vai enriquecer a maneira de pensar a formação” (DOMINICÉ, 2012, p. 29).

Para além de uma perspectiva de construção do conhecimento científico que seja pautada por uma racionalidade técnica e forjada nos moldes de um paradigma positivista, pensamos e defendemos uma ciência outra que possa ser tecida numa pluralidade de saberes, experiências e conhecimentos que dialogue com a incerteza, que se consolide no campo das possibilidades, sendo produzido no cotidiano praticado pelos sujeitos a partir do que emergem em seus contextos pessoais, formativos, culturais, profissionais e de outras instâncias.



As escritas narrativas na formação universitária, são, portanto, um dispositivo que temos dado primazia nos processos de aprendizagens aliando a pesquisa e formação de modo articulado, sem uma separabilidade, pois, enquanto estamos formando professores, também estamos nos formando e (auto)formando, e nessa composição formativa, vamos também construindo *espaçostempos* e modos de pesquisas em diálogo com os sujeitos que conosco partilham suas narrativas e reflexões, entendimentos e aprendizagem que dela emana, daí a ideia de *pesquisaformação*.

Por isso, concebemos a escrita como práticas de formação, transformação e emancipação das consciências na docência universitária, o que nos põe a pensar na potencialidade desse dispositivo, tendo em vista que “[...] um dos princípios fundadores das escritas de si como prática de formação é a dimensão *autopoiética* da reflexão biográfica. Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2011, p. 147).

Assim, justificamos que nossa opção pelas narrativas está na tessitura de uma “[...] epistemologia de investigação e formação que remete ao círculo virtuoso da narrativa e da escuta, da reflexão pessoal-coletiva e, assim, reafirmamos uma potencial contribuição ontológica, pedagógica e política de *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica” (BRAGANÇA, 2018, p. 76).

Acerca da *pesquisaformação*⁹ é uma abordagem que adotamos nos princípios de Josso (2010) com a qual articulamos simultaneamente os processos de pesquisa e formação, mediadas pela reflexividade (auto)biográfica que fazemos dos percursos que tomamos e que se tornam um meio privilegiado de tomada de consciência, transformação, e conseqüentemente, emancipação.

É o que temos feito como professores universitários e ao mesmo tempo pesquisadores, tecemos outras tantas epistemologias por meio da *pesquisaformação* trazendo a centralidade das narrativas (auto)biográficas que se consolidam por meio de diferentes perspectivas em nossa prática docente: seja como diários narrativos produzidos pelos estudantes dos cursos de licenciaturas, dos quais também são participantes das pesquisas que realizamos, bem como outros modos de expressão

⁹ Vale ressaltar que os princípios da *pesquisaformação* nasceram no início da década de 1980 no bojo das experiências e reflexões tecidas por Gaston Pineau, Pierre Dominicé, Matthias Finger e Marie Cristine Josso na formação de adultos mediados por estes que foram idealizadores da corrente das *histórias de vida em formação* de adultos como aponta Abrahão (2016).



narrativa que se dá em diferentes linguagens (imagéticas, pictóricas, orais, sonoras, musicais, gestuais, entre outras).

Assim, muitos são os desafios, incertezas e complexidades que pairam na sociedade, na formação profissional dos sujeitos no contexto universitário no qual estamos imersos e nos agrupamentos sociais dos quais fazemos parte, entre estes a escola e a universidade que se situam nesses contextos de entrelaçamentos diversos e de construção de outros tantos modos de aprender, ensinar e conhecer, os quais vão sendo descortinados, à medida em que as experiências passam a ser materializadas e compartilhadas pelos sujeitos em diferentes instâncias sociais por meio das escritas narrativas com que são elaboradas em seus percursos formativos, assim se constituindo como (auto)formação e transformação.

Já que vivemos em uma pluralidade de contextos, situações e num hibridismo de acontecimentos na cultura, escola, universidade, e sociedade, acreditamos que existem diferentes formas de racionalidade pelas quais podemos construir conhecimentos e fazê-los se tornar uma possibilidade de transformação, seja da formação, como das práticas cotidianas e da existência dos sujeitos no meio em que vivem.

Diante das conturbadas mudanças na sociedade ao longo do tempo, em se tratando de construção de um estatuto epistemológico no campo da ciência, temos percebido e concordamos com a concepção de que “[...] o conhecimento, em suas múltiplas formas, não está equitativamente distribuído na sociedade e tende a estar tanto menos quanto maior é o privilégio epistemológico” (SANTOS, 2010, p. 137).

As narrativas (auto)biográficas apresentam uma legitimidade de produção de conhecimentos, saberes e experiências que são evocadas e produzidas pelos sujeitos, fruto das implicações que os afetam e os movem a narrar por escrito a multiplicidade de acontecimentos os quais lhes parecem mais significativos para emergir em seus registros, é também fruto das marcas que deixaram em cada um. Daí a potencialidade como uma epistemologia formadora, já que revela inúmeros conceitos, entendimentos, reflexões e conhecimentos que são tecidos pelos próprios sujeitos, ultrapassando, assim, a quaisquer tipos de imposições curriculares teóricas e prescritivas que venham de cima para baixa, mas ao contrário, emerge de si e de sua experiência formativa.



Nesse sentido, escrever sobre si narrativamente, no processo de uma *experiência em formação*, como tão bem salientou Passeggi (2011, p. 148) nos leva a situar que “[...] a cada nova versão da história, a experiência é ressignificada, razão estimulante para a pesquisa educacional, pois nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica”.

Importa pensarmos na tessitura de uma epistemologia outra que comunga com a realidade circundante, atenda às necessidades emergentes e se paute pelas dimensões não apenas cognoscitivas e atreladas ao aprender e ensinar, no caso da docência e formação de professores, mas que valorize a diversidade, a pluriculturalidade, as sensibilidades, o lado artístico e estéticos e as múltiplas dimensões e contextos de conhecimentos e saberes que povoam o universo dos sujeitos e que possam surgir outros mais na vida, formação e desenvolvimento profissional do professor, que também é uma pessoa.

Urge, então, recuperarmos a ideia da indissociabilidade entre pessoa e profissional a que nos é cara no pensamento de António Nóvoa (2009) segundo o qual nos abrilhanta e nos impulsiona a reconhecer a elaboração de:

[...] uma *teoria da pessoalidade* que se inscreve no interior de uma *teoria da profissionalidade*. Trata-se de construir um conhecimento pessoal (um auto-conhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica. Toca-se aqui em qualquer coisa de indefinível, mas que está no cerne da identidade docente (NÓVOA, 2009, p. 21. Grifos do autor).

Acreditamos que essa teoria da pessoalidade com a qual evidencia Nóvoa (2009) na citação acima, poderia ser provocada ainda no processo de formação inicial docente, com o uso de escritas narrativas construídas pelos próprios sujeitos, para se perceberem diante de si próprios, com as reflexões que tecem, com o que conseguiram captar, compreender e interpretar dos percursos os quais se engajaram, e como se veem no momento da narração e da leitura que faz do que narrou evocada pela narrativa (auto)biográfica que faz/fez.

Diante do exposto, ressaltamos que “[...] a formação seria produzida no curso da história de uma vida e se tornaria seu ponto culminante no momento de seu relato. Em outros termos, a formação se daria a conhecer na história biográfica, considerada ao mesmo tempo como processo e como produto” (DOMINICÉ, 2012, p. 26-27).



Nesse sentido, precisamos compreender o que é conhecimento, qual sua contribuição e validade para o entorno que nos cerca e que sejam fonte de emancipação para os sujeitos envolvidos no processo formativo e da aprendizagem que possa construir em diferentes perspectivas, contextos e situações.

Por isso, enquanto professores formadores de professores e pesquisadores acreditamos que se torna crucial trazer as narrativas nos processos de formação docente, como uma possibilidade para que o próprio sujeito possa se perceber, a partir das narrativas que produz, aliando os percursos que tece à sua volta, e como reflete tudo isso, e o que lhe atravessa no momento da narração, fruto do que pensa e idealiza, e que se reverbera no escrito, impulsionando possibilidades de mudanças, dando outros tantos sentidos aos itinerários trilhados e aos que possam desbravar em sua trajetória formativa, e futuramente, no campo profissional.

Mediados por essa reflexão é que faz sentido aludirmos a ideia de que “[...] conhecer as circunstâncias e condições particulares em que se produz o conhecimento é fundamental para poder aferir a diferença que esse conhecimento faz” (SANTOS, 2010, p. 147), o que por meio das narrativas, encontramos um cenário fértil de produção de sentidos, conhecimentos e saberes que são evocados e produzidos pelos sujeitos mediatizados pela memória que passam a registrar em sua escrita narrativa (auto)biográfica, com as interpretações que vão fazendo de todo o movimento que tece em sua vida, formação e profissão.

Interpretações narrativas estas, que representam uma legitimidade criadora, criativa e singular em que é possível pensarmos as narrativas produzidas por futuros professores em formação ou para os que estão atuando profissionalmente, como uma possibilidade tangível e concreta de produzirmos uma infinidade de conhecimentos que nos dão a dizer sobre muitas coisas, envolvendo: o conhecimento de si, do que reflete, entende, critica, idealiza e outros tantos aspectos que perpassam a sua existência por onde transita. Afinal de contas:

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, auto-determinando a sua trajetória (CUNHA, 2010, p. 201).



Notamos, então, que é através da narrativa que o sujeito consegue perceber as múltiplas nuances que atravessa o seu cotidiano e que pode lhe trazer muitas formas de afetação para poder narrar o que narra. Além do mais, pensar a narrativa como dimensão de constituição da experiência do sujeito é também situarmos sua potencialidade como uma via substancial de construção de uma epistemologia da formação que é praticada e tecida pelo próprio sujeito ao “se ver diante do espelho” o que fez, o que pensou quando fez determinada coisa, quais experiências praticou e o que lhe trouxe nesses movimentos formativos ao longo da vida, que se dá ao parar para pensar e registrar por escrito o que está pensando.

Mas o que queremos esclarecer, é a possibilidade de construção de outras tantas formas que são válidas e legítimas de produção de conhecimentos que são também científicas e que, infelizmente, são invisibilizadas por perspectivas hegemônicas no meio em que vivemos, por “ditar as regras do jogo” em matéria de conceber o que é válido ou não em termos de conhecimento científico, e que, aqui buscamos problematizar tomando por princípio uma outra perspectiva emancipatória de construção de saberes e conhecimentos na sociedade, trazendo as narrativas (auto)biográficas como dispositivos *teoricometodológicos* e *epistemopolíticos* desencadeadoras dessa epistemologia da formação com a qual estamos defendendo e utilizando na pedagogia universitária.

A narrativa (auto)biográfica, portanto, é um dispositivo que defendemos como perspectiva potencial de transformação e construção da experiência formativa em que se atualizam e se tece uma infinidade de saberes e conhecimentos pertinentes e relevantes para os processos emancipatórios dos sujeitos envolvidos na tessitura da vida, da epistemologia da formação e profissão.

3. As narrativas da *pesquisaformação* no contexto universitário: desdobramentos

No contexto da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação pela qual temos dado primazia como abordagem que desenvolvemos em nossa profissão e como intelectuais pesquisadores, refletimos que esta se torna mais do que crucial na produção do conhecimento científico na sociedade atualmente, sobretudo, porque perspectiva uma incursão pela subjetividade e os aspectos singulares da vida, formação e profissão tecida pelos sujeitos, mostrando a sua potencialidade enriquecedora, formadora e transformadora.



Há, portanto, uma diferença de esquemas e modelos clássicos de produzir conhecimentos como preconizam outras correntes epistemológicas, em relação ao que desenvolvemos no contexto da *pesquisaformação*, qual seja, a de que:

No modelo clássico, os objetos de pesquisa têm em vista resultados que otimizem a ação educativa, independente de quem refletiu sobre ela. Na pesquisa-formação, ao contrário, se sobressaem as práticas não-instituídas e as aprendizagens experienciais. São elas que se constituem objetos de investigação com amplas aberturas para as aprendizagens não formais e informais (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 14).

Nesse sentido, valorizamos as experiências cotidianas ou muitas vezes, o que é invisível em muitas correntes científicas, e que para nós tem muito mais valor como dimensão legitimadora de construção de conhecimento científico: as narrativas (auto)biográficas dos sujeitos produzidas no seu cotidiano de vida, experiência e formação.

A construção do conhecimento científico que se dá de diferentes formas e modos, depende muito do olhar, legitimidade e respeito com que concebe o pesquisador, a comunidade científica da qual faz parte e os aspectos metodológicos, teórico-conceituais e epistemológicos implicados na produção e compreensão do saber e conhecimento a que está a produzir. É uma confluência de fatores, dimensões e articulações diversas que alia em uma perspectiva tridimensional: a teoria, a empiria e a metodologia.

Nesse sentido, cabe salientar as contundentes contribuições que nos faz pensar Edgar Morin (2013) na obra *A via para o futuro da humanidade*, acerca do que é pertinente ou não em matéria de conhecimento, em que o autor declara que:

Um conhecimento não é mais pertinente porque contém um número maior de informações, ou porque é organizado da forma mais rigorosa possível sob uma forma matemática; ele é pertinente se souber situar-se em seu contexto, e mais além, no conjunto ao qual está vinculado (MORIN, 2013, p. 197).

Situamos, então, a centralidade das escritas narrativas (auto)biográficas como dispositivos de produção de sentidos, saberes e conhecimentos que se consolidam em meios potenciais de tessitura da formação e aprendizagem experiencial do sujeito, e se constitui de uma legitimidade científica da qual tem importantes contribuições no processo de formação de professores, como temos desenvolvido em nossa prática de professores formadores.



A perspectiva pela qual vem se consolidando a nossa prática pedagógica como professores nos cursos de licenciaturas no Ensino Superior, dando primazia para o curso de Pedagogia, pelo fato de termos formação inicial neste curso, por compartilharmos os processos de pesquisa em sua maioria com estudantes e professores com essa formação, tem nos trazido eminentes contribuições para ampliarmos nossos saberes, conhecimentos e experiências de diferentes ordens, dimensões e aspectos na tessitura de uma ciência outra contra hegemônica, relevante, consistente e diversa.

E que ciência outra contra hegemônica é essa a que estamos a defender e a exercer em nosso desenvolvimento profissional na formação de professores em contexto universitário?

Estamos a falar das escritas narrativas (auto)biográficas que trazem o sujeito em sua subjetividade, constituída de uma carga emocional, aliando o mundo das representações e as afetações que se consolidam no plano intersubjetivo e que emergem quando o sujeito passa a tomar consciência dos percursos trilhados, ganhando na narrativa escrita a consolidação e constituição de saberes através de tessituras reflexivas, transformadoras e emancipatórias.

Sabem por que o universo pessoal do sujeito nos interessa tanto como professores e pesquisadores? Porque, pensando como Goodson (2019) são nas narrativas micropolíticas da vida que emergem outros tantos contextos de compreensões, entendimentos e mudanças que são revelados pelos sujeitos. Além do mais, por meio das narrativas, as pessoas conseguem enxergar outras tantas possibilidades que outrora não estavam visíveis para si, passando, então, a se transformar quando praticam uma reflexividade (auto)biográfica propiciada pela tomada de consciência que tem.

Afinal de contas, como nos provoca a refletir o pensador inglês Ivor Goodson (2019, p. 120) em *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*, “[...] de fato, estamos entrando em um período de tipos particulares de narrativa; narrativa de vida e narrativas em pequena escala [...]”, razão pela qual, ainda em diálogo com esse autor, enfrentamos no século XX o colapso das grandes narrativas, e que, portanto, não nos deu possibilidades de impulsionar mudanças substanciais na vida, formação humana e profissional das pessoas e na sociedade.

Nesta perspectiva, acreditamos ser importante questionarmos ainda: e como tem se configurado essa dimensão potencial das narrativas na pedagogia universitária? De que forma temos olhado as produções narrativas dos estudantes no processo de formação inicial no curso de Pedagogia e em outras licenciaturas na formação para a docência?



Temos trabalhado com diferentes recursos e dispositivos metodológicos de construção de sentidos e reflexões que se materializam por meio das escritas narrativas com que os estudantes elaboram em diários narrativos, por exemplo, além de percebermos outras linguagens manifestadas pelos sujeitos, que validam possibilidades outras de apreensão da realidade, ainda nos possibilita compreender o que fora dito e o que não foi dito durante o processo formativo.

Esses aspectos de linguagens não explicitadas em termos do que poderiam figurar nas escritas narrativas ou orais, acabam se revelando de outros modos, mostrando-se, então, como dimensões de produção de sensibilidades, e, portanto, de conhecimentos e saberes que fazem muito sentido para quem está a expressar e a refletir acerca das ações cotidianas, como para nós professores pesquisadores que estamos juntos produzindo essas outras formas de entender, compreender e apreender diferentes modos de aprendizagem, formação e tessitura do conhecimento científico na formação inicial.

Alguns aspectos são evidenciados pelos estudantes no processo de formação inicial, que ultrapassa o campo da linguagem expressa para além do prescrito ou oral, pode se revelar por meio: de pausas durante nossas conversas, de gestos e comportamentos que muitas vezes dizem muito mais do que qualquer palavra, de um compartilhar de experiências com seus pares ou outras pessoas, as quais podemos estar juntos nesse processo ou não, como também estar a observar “de fora”, sem que muitas vezes os estudantes consigam nos perceber, e que encontramos um cenário de produção e composição de suas outras experiências formativas da aprendizagem no curso, entre outras inúmeras possibilidades e dispositivos.

Como se trata de uma *pesquisaformação* a que estamos continuamente produzindo e refletindo em diálogo com os sujeitos com os quais nos relacionamos no cotidiano da formação, seja na universidade com os estudantes nos cursos de licenciaturas, como no cotidiano das escolas, a propósito dos professores no desenvolvimento profissional da docência, estamos aprendendo e construindo uma pluralidade de outros tantos saberes que mostram-se pelas escritas narrativas, a sua riqueza *teóricaepistemológica*, científica, pedagógica e formadora, e com a qual vamos dando pertinência e densidade científica.

Os diálogos são, portanto, outro dispositivo que nos ampliam outros horizontes de possibilidades e tessituras de saberes, conhecimentos e experiências, já que vamos registrando



narrativamente, o que nos toca, mobiliza e nos afeta em um jogo de reflexões que tanto pode fazer sentido para nós enquanto professores pesquisadores formadores, quanto para os estudantes ou professores com quem dialogamos, se tornando, a conversação, um recurso também privilegiado de compreensão e feitura de sentidos os quais não estão dados, mas que vamos compondo polifonicamente de forma plural. Nesse sentido, cabe salientar que:

[...] a construção do conhecimento sobre o mundo, a vida e a formação se afirma no encontro e no diálogo com o outro e nas possibilidades que esse encontro gera quanto ao ensinar, ao aprender e, especialmente, no transformar de si mesmo, do outro e do mundo, em partilha (BRAGANÇA, 2012, p. 192).

Quanto ao diário narrativo, que é um dispositivo metodológico, avaliativo e formativo que temos privilegiado no contexto da formação universitária, tem se mostrado como um “divisor de águas” tanto na vida dos estudantes no processo de formação inicial, como para nós professores formadores e pesquisadores, em se tratando de trazer outros elementos de compreensão e entendimento pelo olhar do próprio estudante o que ele está entendendo ou não do que estamos realizando, bem como alude às experiências cotidianas de sua vida, do que é em relação ao seu perfil e trajetórias percorridas ao longo de sua vida, etc.

Assim, temos percebido que “[...] o diário aparece como um recurso privilegiado para refletir como cada aluno vai construindo seu conhecimento disciplinar, tanto em sua dimensão conceitual como no que se refere à dimensão atitudinal e à “visão” geral dos temas que acaba configurando em sua mente” (ZABALZA, 2004, p. 24. Grifos do autor)

Desta forma, temos utilizado o diário narrativo como recurso metodológico e de avaliação do processo de ensino e aprendizagem, para mediar a construção e elaboração do conhecimento e a consolidação e materialização de uma das notas nas disciplinas que ministramos, mas não somente isso, portanto, acreditamos ser um meio fundamental de construção de saberes, conhecimentos e experiências formadoras que aliam o mundo pessoal, sensível, cognitivo e pedagógico, entre outras dimensões muitas das vezes percebidas pelos estudantes e não vistas por nós, o que acaba nos ajudando de maneira crucial na condução de nossa didática, e nos fazendo enxergar a nós próprios através das leituras que fazemos das narrativas que os estudantes produzem em seus diários.

As escritas narrativas nos diários dos estudantes de pedagogia na docência universitária e nos outros cursos de formação de professores trazem muito mais que conhecimentos, revelam muito de



si, como pensam, o que sentem, fazem (auto)avaliação e dão pistas para, como professores formadores, redirecionar nossos caminhos e (e)elaborar os saberes de nossa prática pedagógica.

No entanto, escrever narrativamente não é uma tarefa fácil, pois como vimos, os estudantes tiveram algumas dificuldades, além daqueles que não conseguiram aprender como puderam narrar suas experiências formativas, desenvolvendo uma escrita demasiadamente prescritiva, o que já fugia dos princípios de uma pedagogia narrativa a que compreendemos e, por isso, também construímos um diário nosso, em que passamos também a registrar nossas aprendizagens formativas cotidianas, e passamos a ler para eles e com eles no contexto dos encontros em que estávamos a produzir.

Ressaltamos a potencialidade dos diários narrativos em que os estudantes e professores constroem suas aprendizagens na tessitura de uma narrativa (auto)biográfica, pois, é um dispositivo que tem transformado nossas práticas de ensino, avaliativas e de aprendizagem. Por isso, refletimos:

A narrativa escrita constitui um suporte particularmente adequado para a pesquisa dos processos de formação e de conhecimento, porque dá acesso tanto às partes que a compõem como a um conjunto a que foi atribuído um título. Além disso, porque contém simultaneamente o fatural e o pré-interpretado (JOSSO, 2010, p. 215)

Diante do exposto, consideramos a pertinência e validade epistemológica das narrativas da *pesquisaformação* como um recurso privilegiado de transformação e tessitura emancipatória dos sujeitos nos processos formativos, se tornando, portanto, fundamental para a melhoria da formação, da aprendizagem e de um universo rico de construção de conhecimentos em que aprendemos juntamente com os estudantes e partilhamos dúvidas, incertezas, provocações refletivas e outras tantas dimensões que emergem na escrita narrativa e da leitura que fazemos coletivamente no contexto da sala de aula, nas disciplinas em que ministramos na pedagogia universitária.

Nesse sentido, corroboramos com ideia de um *conhecimento-emancipação* a que nos traz Boaventura Santos (2010), na valorização do que é produzido no cotidiano pelos sujeitos como um processo de (re)invenção de tantos outros saberes e conhecimentos possíveis e substanciais em suas práticas na tessitura de uma emancipação social que democraticamente vai se compondo em articulação com variados sujeitos, em diferentes *espaçostempos* não só nos intramuros institucionais de formação (no caso da universidade) e desenvolvimento profissional (no caso da escola), mas outros



que vão surgindo e que se tornam referências mobilizadoras de reflexões e transformações de si, do aprender e ensinar, se (auto)formar e se reverberam em dimensões da vida, profissão e formação.

4. Aberturas e sendas em emergência da narratividade: algumas considerações

Outras racionalidades são necessárias tecermos e mobilizarmos em vista da epistemologia da formação e do cotidiano profissional, as quais precisam ser trabalhadas desde a formação inicial de professores, para que diminuam os impactos ou muitas vezes o “choque de realidade” com que enfrentam os futuros docentes no período de transição da universidade à escola.

As escritas narrativas, representam uma via concreta e palpável de possibilitar o encontro consigo e com o outro no processo de formação de professores mediado pela reflexividade a que os sujeitos possam produzir, impulsionando a tomada de consciência de seus saberes, fazeres e pensares, tanto os que são empreendidos no decurso de sua existência, como os que emergem em outras tantas possibilidades criativas, criadoras e de subjetividades que vão compondo suas identidades em diferentes momentos de sua vida, formação e que poderão acompanhá-los de forma transformadora no seu desenvolvimento profissional.

A elaboração dos diários narrativos, por exemplo, que temos utilizado como dispositivo metodológico de ensino, pesquisa e formação na formação de professores e nos processos de *pesquisaformação* atestam a legitimidade de uma tessitura epistemológica na pedagogia universitária com a primazia de uma linguagem outra para além de uma racionalidade meramente técnica e estanque, mas pelo contrário, se tece por meio das narrativas (auto)biográficas que dão vida, cor, brilho e sentido às experiências que estão galgando tanto os sujeitos a que estão narrando o seu cotidiano, quanto para nós professores pesquisadores, que também mergulhamos nessa composição de narrativas acerca do vivido e praticando, mostrando, assim, a sua potencialidade enriquecedora.

Defendemos, portanto, uma pedagogia universitária baseada na narratividade do cotidiano (per)formativo dos sujeitos em processo de formação, uma vez que por meio do escrito, vão dando forma a si próprios e descortinando um horizonte de possibilidades implicando na construção de saberes, conhecimentos e aprendizagens das mais diferentes formas e modos, os quais são descobertos por meio da atividade de narrar, que nesse exercício, vão permitindo uma tomada de consciência do vivido e experienciado em múltiplos contextos e *espaçostempos* e que estão por vir.



As escritas narrativas ou que emergem em outros dispositivos representam uma potencialidade formadora de transformações plausíveis para os sujeitos que a praticam, e para quem a lê e reflete junto com o registro narrado, como temos feito como professores formadores.

Tornar a narrativa (auto)biográfica um meio privilegiado de produção de saberes, conhecimentos e experiências, é pois, um dos maiores desafios do processo de formação de professores no contexto atual, e com o qual agregaria muito mais valor quando a ela pudéssemos recorrer, gerando, assim uma potencialidade, tessitura epistemológica e densidade *teoricometodológica* crucial baseada em uma racionalidade sensível que consideramos fundamental à emancipação das consciências na sociedade que temos e que queremos, construída democraticamente por quem acredita na possibilidade de mudanças pelas escritas de si na formação para a docência.

5. Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. In.: BRAGANÇA, I. F. de S.; ABRAHÃO, M. H. M. B.; FERREIRA, M. S. (Orgs.). **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016. p. 29-50.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788575114698>>. Acesso em: 31 jul., 2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, M. H.; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs.). **Pesquisa narrativa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018. p.65-81.

CUNHA, Maria Isabel da. Narrativas e formação de professores: uma abordagem emancipatória. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de; GALLEGOS, Rita de Cassia (Orgs.). **Espaços, tempos e gerações: perspectivas (auto)biográficas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.199-214.

DOMINICÉ, Pierre. A epistemologia da formação ou como pensar a formação. In.: MACEDO, Roberto Sidnei et al (Orgs.). **Currículo e processos formativos: experiências, saberes e culturas**. Salvador: EDUFBA, 2012.



GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MORIN, Edgar. **A vida para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgar de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.2, p.147-156, maio/ago.2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>>. Acesso: 10 dez. 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación cualitativa**, vol.2, n.1 pp.6-26. 2017. Disponível em: <<https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56/36>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Acompanhar e formar – mediar e iniciar: pesquisa (auto)biográfica e formação de formadores. In.: PASSEGGI, M. da C.; SILVA, V. B. da (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.